

## O OPERARIADO E A POLÍTICA

O dr. sr. Pestana Júnior, uma das criaturas mais inteligentes da chamada Esquerda Democrática, abordou há dias, numa sessão de propaganda realizada no Centro Democrático Castelo Branco Saraiva, um assunto melindroso: a orientação do operariado em face da política. Fê-lo com habilidade e até, para melhor se fazer entender dos que o escutavam, escolheu uma maneira simbólica que melhor exprimisse o seu pensamento.

Contou um velho episódio da antiga História de Roma que tem um certo sabor clássico e que, talvez por isso mesmo, não se adapta, como o orador pretende, à actual situação do povo num regime democrático, enfim, porém, de perniciosos vícios antigos.

Em resumo: a velha história que o dr. sr. Pestana Júnior contou condensa a atitude de independência que o proletariado tem sabido conquistar desde que deixou de andar acorrentado aos partidos políticos e se refugiou nos seus sindicatos profissionais, cuidando por suas próprias mãos dos seus interesses.

Este abandono dos partidos políticos por parte do operariado, enfraqueceu-os e roubou-lhes toda a autoridade para falarem e agirem em nome do povo. Hoje os partidos são uma ficção, onde se acointam, de mistura com algumas boas intenções e proibições, inúmeras ambições mesquinhas e uma legião de nulidades que conseguem guindar-se a alturas respeitáveis, a cargos de responsabilidade para o desempenho dos quais apenas lhes sobeja incompetência e desonestidade.

A indiferença com que as eleições são recebidas, indiferença que vai aumentando sempre, é um aviso que os políticos raras vezes compreendem, a não ser nas ocasiões afilivas. O dr. sr. Pestana Júnior viu neste momento que os partidos políticos estavam isolados do povo trabalhador por isso no seu discurso afirmou que o povo trabalhador não devia continuar afastado da política.

Quem o ouvisse teria a impressão de que é o operariado que tem absoluta necessidade de socorrer-se da política para defender os seus interesses e, afinal, examinadas as palavras do orador em questão, verificamos precisamente o contrário: a Esquerda Democrática, seguindo uma tática inteligente, resolveu captar as simpatias do povo, das quais precisa para alcançar depois aquela força que hoje não possui e que amanhã poderia ser um valioso trunfo nas mãos dos dirigentes daquela facção política. A Esquerda Democrática precisa de eleitores — daí aquele desinteressado carinho que o dr. sr. Pestana Júnior sentiu subitamente pelos prejuízos que advêm à classe operária do seu alheamento da política.

O operariado deve agradecer os bons conselhos do ilustre político esquerdista e responder-lhe que esteja descansado que, do alheamento dos operários, podem resultar maiores prejuízos para a Esquerda Democrática do que para o povo. Sem os partidos podem os trabalhadores viver, mas os partidos não podem viver sem o povo, a não ser que se limitem a alimentar-se dos votos de alguns políticos, de funcionários, etc.

A organização operária não realiza milagres. É constituída por homens falíveis e não por deuses. Porém, mercê dos seus processos de acção bem educado muito melhor as massas para a defesa dos seus interesses verdadeiramente justos e humanos do que todos os partidos juntos. Não conseguiram tornar o povo feliz, nem jamais os seus militantes tal coisa promoveram. Mas que têm feito os partidos? Promessas sedutoras. E como as cumprem? Deportando, prendendo e fusilando. É a experiência quem o afirma.

Se não estivéssemos nas vésperas das eleições as interessantes declarações do dr. Pestana Júnior teriam outro interesse e mereceriam ser discutidas doutra maneira, opondo metódicamente argumento a argumento, ideia a ideia, conceito a conceito. Mas será melhor guardarmos essa curiosa discussão para depois das eleições. Então, já passada a hora do perigo, talvez o dr. Pestana Júnior raciocine doutra maneira, e compreenda melhor que o operariado não espera mais por saídas de deuto...

## O II Congresso da Associação de Professores de Portugal e a adesão à C. G. T.

Como ao bom camarada Santos Arranha e decerto também à Internacional dos Trabalhadores do Ensino, foi para mim uma surpresa a não votação da moção que tive o prazer de apresentar no Congresso que a Associação de Professores de Portugal acaba de realizar.

E inesperado foi o resultado, porque estava fora da directriz da A. P. P. e da sua atitude para com a central operária portuguesa. No Congresso de 1924, a A. P. P., que foi fundada com avançados intuitos sociais, recebeu a orientação sindicalista, falhando-lhe só marcar o lugar que lhe pertence junto da C. G. T., a representante legítima do operariado organizado do país.

Essa adesão não era, porém, nada mais do que uma ratificação à atitude do nosso sindicato para com a Confederação, pois com ela temos caminhado, às suas sessões temos assistido e até auxílio de carácter financeiro dela temos recebido; e não está bem que a Confederação só sirva para nos beneficiar e seja esquecida quando no seu seio, e com eficácia, podíamos realizar aquela obra social e pedagógica que assim — desligados por mais um ano, e não mais, estou certo — nos é possível conseguir, nem sequer iniciar.

A pesar-de na minha moção ficar determinado que a A. P. P. ao fazer a sua adesão seria sem compromisso algum com qualquer Internacional operária existente, os ecos da diversidade ideológica que ora dividem todos os trabalhadores chegaram também ao Congresso, fazendo-o aprovar a moção do dr. A. Quintanilha, em que, aliás, a adesão é afirmada em princípio. Venceu, mais uma vez, aquela tática de Lenine: dividir para vencer. Mas a boa doutrina sindicalista também há de vencer, e vencerá!

Por boa doutrina sindicalista entendo eu aquela que mantém o operariado fora e contra toda a sujeição política; pois que sendo do sindicalismo, em última análise e fundamentalmente, a organização e a acção do trabalhador para sua completa emancipação económica e social, ele só deixará de existir quando o operário nada tiver que reclamar, quando o Estado tenha sido abolido. E frize-se mais uma vez que Estado não é só a organização, em regime republicano ou monárquico, dum nação; o Estado é também constituído por órgãos de administração socialista... por mais socialista que se apresente.

Não foi por isso que, na minha moção, apresentei formula de neutralidade da A. P. P. perante qualquer Internacional: foi-lhe, para assim conciliar todas as correntes ideológicas dos seus sindicatos. Foi inútil, infelizmente, esse desejo; estou porém certo que não irá além doutros 365 dias.

A A. P. P. está, a pesar da sua adesão não ser efectuada desde já, perfeitamente integrada na C. G. T., dando-lhe toda a cooperação que esta lhe solicite, que esta deseje. Nem o contrário se compreendia.

Não marcou o congresso a sua posição efectiva junto do operariado organizado, deixou que no seu seio se reflectisse o espírito seccionista de alguns sindicatos de orientação comunista o que a levou àquela atitude de incerteza; nada porém delerá a filiação da A. P. P. na C. G. T., no próximo congresso.

Estou disso convencido.

Almeida COSTA

## Notas & Comentários

Falta em Portugal quem queira trabalhar desinteressadamente para o bem estar da colectividade, mas abundam os críticos, os críticos estúpidos e mais, bem entendido, que só têm por ocupação dirigir o trabalho dos outros, acumulando-o de defeitos in-existent e de erros imaginários. Esses críticos, odiosos, e despretiosos são uns impotentes que maldizem e caluniam todos os que tendo faculdades de trabalho as empregam na realização duma obra ampla e generosa.

Aparece-nos agora um desses críticos maldizentes a atacar os militantes operários, afirmando que eles só têm desorganizado a C. G. T. e prejudicado as classes trabalhadoras.

Não sabemos como se chama o sabichão e o calunizador que assina os desquili-brados artigos com o pseudónimo de Gracius Babouff. Quem ocultará este espantoso e vaidoso pseudónimo? Um indivíduo que só é conhecido da família ou uma pessoa sem coragem moral. Em todo o caso é um ignorante e um mal intencionado.

**Ambição desmedida**

O Banco Comercial do Porto, que era uma das casas bancárias mais sólidas e mais antigas, acaba de suspender os seus pagamentos na sua sede e na filial que tem em Lisboa.

Uma das instituições prejudicadas é a Misericórdia do Porto que fica quasi com as mãos a abanar.

As causas desta derrocada estão no bandoleirismo financeiro dos seus dirigentes, entre os quais se encontra Pedro de Araújo que foi um dos implicados na famosa escroqueria dos 20 milhões de dollars. Esses indivíduos meteram-se nas mais vergonhosas transacções e nas mais criminosas especulações. Quizeram abraçar o mundo e metê-lo dentro dos seus cofres e essa desmedida ambição acabou por lançá-los à beira da ruína.

Os banqueiros diligentes não ficam pobres; estas criaturas salvam-se sempre, por entre os desabamentos que provocam. O mesmo não acontece aos que tinham lá dinheiro depositado, porque ficam sem ele.

Não se vá daqui inferir que lamentamos os accionistas e os depositantes. Uns e ou-

## Como respondem os franceses e os espanhóis aos propósitos de paz manifestados por Abd-el-Krim

Já em vários artigos fizemos notar, que era muito provável que a proposta feita por Abd-el-Krim, para um armistício imediato, não fosse aceite e que a vontade dos imperialistas franceses e espanhóis fosse simplesmente a de levar a guerra até ao fim, até ao esmagamento completo da república do Rif.

Toda a imprensa francesa, desde o *Quotidien* que finge nada perceber, desde a *Era Nouvelle*, que, sem o mínimo respeito pela verdade, ousa escrever «que Abd-el-Krim recusou o ramo de oliveira que os franceses lhe estendiam», até ao *Echo de Paris* e ao *Gaulois*, toda a imprensa francesa faz silêncio ou altera a «démarche» feita por Abd-el-Krim a favor da paz e a sua reivindicação de independência formulada em nome do povo rifenho.

Nem o presidente do conselho francês, nem o ditador espanhol expuseram oficialmente a resposta enviada ao povo rifenho. As condições de paz também até agora ainda não foram publicadas.

Tudo o que nós sabemos, e que em resposta ao simpático movimento dos rifenhos, os governos imperialistas acima citados deram a ordem geral de uma ofensiva comum contra os bravos marroquinos.

Há dois dias, está-se dando uma batalha na região de Ouezzan, que, segundo as informações do correspondente do *Journal* é a mais importante que se tem travado desde o começo das hostilidades.

Não será demais repetir:

Em resposta a uma proposta de paz feita por Abd-el-Krim em 1925, Painlevé e Primo de Rivera respondem com uma ofensiva comum contra o nobre povo árabe e berebere.

Eis o que a história certamente não esquecerá.

**Novas ofensivas rifenhas?**

FEZ, 17.—O marechal Lyautey está estudando com o general Naulin as eventualidades de uma nova ofensiva dos rifenhos.

**Os franceses preparam-se**

RABAT, 17.—As tropas francesas penetraram em Ouezzan instalando ali uma completa organização de defesa com o fim de impedir a repetição de incursões dos rifenhos.

As tribus fiéis regressaram já das regiões de Norajharb com os seus rebanhos, voltando às aldeias.

**Os partidários de Abd-el-Krim querem a paz**

LONDRES, 17.—O *Times* insere uma correspondência de Tanger em que se afirma que muitos partidários de Abd-el-Krim manifestaram o desejo de que este estabelecesse negociações para a paz e consideraram bastante honrosas as propostas do governo francês.

**A boa vontade dos europeus mal apreciada por Abd-el-Krim...**

MADRID, 17.—Um comunicado do directorio diz que a pesar de todos os esforços da França e da Espanha para resolver pacificamente a questão do Rif têm sossegado perante a intransigência de Abd-el-Krim se negar a negociar sem que os dois países tomem por base para os preliminares de paz a independência do Rif a que se opõem os tratados internacionais.

**Pétain vai para Marrocos**

PARIS, 17.—Foi fixada para amanhã a partida do marechal Lyautey para Marrocos.

**Os contratos dos artistas dramáticos**

A Inspeção Geral dos Teatros oficiou à A. C. T. T., comunicando-lhe que de futuro os artistas dramáticos devem fazer os seus contratos, somente com as Empresas que estiverem ao abrigo do decreto n.º 10.573, e efectuando-se por escrito, com duas testemunhas e reconhecidos perante o notário, sem o que não poderá ser julgada qualquer reclamação.

três sempre esfregaram as mãos de alegria quando as especulações do Banco agravavam a miséria dos trabalhadores.

**Manobra jesuítica**

A Epoca denuncia os sargentos de Castelo Branco de bolchevistas, acusando-os de terem auxiliado a realização dum comício contra a guerra, organizado pela C. G. T.

Não diz a Epoca quem foram os sargentos que auxiliaram a realização do comício, nem tão pouco aduz uma única prova da sua acusação. A Epoca realista, quanto a nós, uma manobra jesuítica querendo esmagar com uma delação — essa arma tão repugnante e predilecta dos clericais, os sargentos que não vão à missa nem são marroquinos. A acusação de bolchevistas deve ser uma vingança deles premeditada pelos reacçãoários daquela cidade, patrocinados pela Epoca.

E assim o cristianismo do jornal mais odiado e rançoso que existe em Lisboa.

## A espada do general Gomes da Costa quer uma guerra e uma ditadura

O general sr. Gomes da Costa é um militar, pelo espírito e pelas atitudes. Está sempre com o ar de quem desembainha a espada e toma pose perante a história, convencido ou querendo convencer-nos que é o mais feliz pseudónimo de Napoleão Bonaparte.

Não queremos penetrar os seus desejos mais íntimos, nem medir até onde as suas ambições o querem arrastar; nem é desta redacção o Balzac que há de um dia traçar-lhe a sua complicada psicologia...

Sabemos do sr. Gomes da Costa poucas coisas e não nos preocupamos a ponto de lhe seguir, uma a uma, todas as suas atitudes ou analisar, frase por frase, as suas espantosas declarações. Não nos passa contudo despercebido que o sr. Gomes da Costa costuma pregonizar, nos seus discursos de afirmações pesadas como granadas de 42 e nas suas jaspadas de retórica caserneira, um remédio heroico para os males de que enferma o país e a política — remédio que se consubstancia numa fuzilaria cerrada e sumária sobre o peito de todas as pessoas que não querem ver o país subjugado ao capricho duma espada — duma dessas espadas que gostam de desembainhar-se sobre gente desarmada e indefesa. E, extranhámos que o sr. general quando estava uma das revoluções que têm objectivos semelhantes aos seus, se deixe ficar em casa, muito descansado, enquanto os outros disparam da Rotunda granadas sobre a gente pacífica que aguarda o comboio no Rossio e sobre os prédios em que moram velhos, mulheres e crianças. O sr. general fica ao fogão preparando talvez um dos seus discursos, donde inferimos que o seu génio militar prevê com antecipação as derrotas e se poupa à triste situação de vencido, supondo, não sabemos se com razão, que a sua espada não é suficientemente pesada para influir na balança inclinada para o triunfo do governo.

O sr. general aguarda em casa a sua hora. E enquanto ela não vem, vai fazendo os famosos discursos cheios de insolências e de ameaças. As frases que pronunciou em nome dos oficiais que foram apresentar cumprimentos ao ministro da Guerra foram violentas e agressivas, como pode inferir-se do final do seu discurso que a seguir transcrevemos:

«Aljubarrota, ex.º m.º, não é um facto isolado na história de Portugal e pode repetir-se sempre que haja um governo consistente da sua missão e saiba pôr acima dos interesses particulares o interesse nacional e não faça da cobardia uma virtude cívica.

Organize v. ex.º, como é seu dever, os serviços militares; influia, como é também seu dever, para que o governo de que faz parte ponha em ordem a administração civil e financeira, cortando as cabeças a todos os chefes das quadrilhas que com a maior desvergonha e impunidade andam há anos a esta parte comprometendo a honra da nação, e pode v. ex.º estar certo que todo o exército o apoiará entusiasticamente nesse trabalho.

Tem v. ex.º o coração colocado bem no seu lugar e de forma a poder encarregar-se dum tal papel?

E' o que resta ver.»

O anúncio duma guerra e o incitamento a uma ditadura são transparentes, nítidos. E que fez o ministro da Guerra ao general? Mandou-o prender por indisciplina? Não. Elogiou-o. E naturalmente o furor bélico do general Heróides acaba numa caríssima e rendosíssima comissão de serviço, como aquela que o levou naquele inútil passeio à Índia, inventado só com o recio de que desembainhasse a espada para chafar uma dessas revoluções que pretendem em Portugal o regime da morte — sem julgamento.

Se estas atitudes fossem tomadas por um soldado, o remate não seriam elogios...

## A organização operária

**Nota da Federação dos Operários da Indústria Vinícola em Portugal**

A Comissão Administrativa deste organismo comunica que o II congresso da indústria que vem de realizar-se em Gata resolveu transformar o título de Federação da Indústria de Tanoeira e Anexos em Federação dos Operários da Indústria Vinícola em Portugal, por sintetisar melhor a agregação de todas as classes dependentes da exportação e comércio vinícola da região portuguesa.

A sua sede, para onde pode ser dirigida toda a correspondência, é na rua de Marvila, 89, 1.ª, Lisboa.

**A Comissão Administrativa**

**Os tumultos na China**

**A polícia atacada à padrada — 68 mortos**

Acabam de se dar graves tumultos em Tien-Tsin.

A polícia tinha acabado de se retirar das ruas de algodão quando a população atacou as fabricas e destruiu os maquinismos. Os grevistas eram reforçados pelos camponeses e habitantes das aldeias vizinhas. Como os agentes eram pouco numerosos para resistir, o material foi todo destruído. Só numa fabrica os prejuízos ultrapassam um milhão de dólares.

No dia seguinte, 800 polícias vigiavam as fabricas destruídas, mas uma multidão calculada em 10.000 pessoas atacou-os à padrada. Os polícias quiseram prender os principais manifestantes, mas tiveram que fazer face a uma resistência extraordinária. Foi então que os soldados e os polícias se decidiram a fazer fogo. A scena tornou-se indescritível. Calcula-se em 68 o número de mortos.

Foram feridos 376 pessoas.

## A recepção da Real Companhia aos delegados operários do II Congresso Vinícola

Depois de terminados os importantes trabalhos do II Congresso dos Trabalhadores da Indústria Vinícola, os quais decorreram com um brilhantismo vulgar, os congressistas, principalmente do sul, manifestaram desejo de visitar a Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal.

Nenhum outro intuito movia os congressistas, senão o de verem, de visu, o desenvolvimento, a expansão da indústria vinícola do norte.

Para que tal visita se efectuasse, o sr. Alvaro de Carvalho, o mesmo que gentilmente pôs o seu teatro à disposição do Congresso, envidou todos os seus esforços junto do principal «don» da citada Companhia — na crenga natural de que ele tivesse educação e um prurido de hospitalidade semelhantes aos seus.

Os congressistas dirigiram-se para os portões da famosa e misteriosa Companhia. Depois de um breve compasso de espera, chegou um luxuoso auto: era s. ex.º o sr. Manuel Pestana da Silva, presidente da direcção da Companhia, que chegava.

O sr. Alvaro de Carvalho, nunca tendo uma hipótese de regateirice de praça, tanto mais que anda pela Companhia há uma grande soma de anos, dirigiu-se-lhe, pondo-o ao corrente do que se tratava. O sr. Manuel Pestana da Silva perdeu a cor. Ao cérebro afluíram-lhe fortes guinadas de remorsos e, febrilmente, tremelante, veio ao encontro dos congressistas «parlamentar» desabridamente...

Que é jesuita, sabemos-lo nós. Mas o que desconhecíamos, absolutamente, é que ele fosse capaz de perder aquela serenidade própria do hipócrita da velha seita da Companhia... de Jesus.

Maldicadamente, quasi com gestos de colareja, após-se tenazmente à visita, fazendo-nos lembrar o criminoso que intercepta a passagem de alguém, para que os seus olhos investigadores não possam vislumbrar na sua toca, na sua casa, as provas reais dos seus crimes com a angustia presença das suas vítimas...

A indelicadeza foi tanta, que até o «boçal» sr. Manuel Pestana da Silva, dispensado, estupidamente, que o sr. Alvaro de Carvalho fizesse a apresentação, aos frustrados visitantes, do atapalhado Lolo da Companhia Vinícola.

Não, não concede visitas a ninguém, nem mesmo aos negociantes de vinhos. Não podia abrir excepções; mas se noutras partes houvesse a gentileza de franquearem as portas da desejada visita, então, quebraria a sua reticência, abrindo uma excepção, mas só na última. Quere dizer: deixaria de ser indecente, momentaneamente adquirindo hábitos de urbanidade...

Nas suas desconexas desculpas, deixou transparecer abusos anteriores, cometidos por outros gerentes, e que deram azo ao conflito de que desenvolvidamente tratámos na devida oportunidade.

Aqui é que estava o «osso» duro de roer: o sr. Manuel Pestana da Silva demonstrou, evidentemente, que nos seus reais armazéns, que nas suas secções de trabalho, há muito mistério a desvendar, há muita criminologia a apurar, muita perseguição, muita exploração, muita tratantada a pôr à luz crua do sol... que tem a infelicidade de lhe iluminar a careca das responsabilidades...

E como prevísse que os visitantes, ao deversarem o mistério, poderiam «proclamar a revolução social» dentro dos limites da Real Companhia Vinícola, vá de, com a maior incivildade possível, regougar freneticamente: não, não, não... até que todos lhe viraram as costas, por não haver outra despresadora atitude a seguir...

O sr. Alvaro de Carvalho, porém, que ficou visivelmente magoado com semelhante partida, com tão irritante desfeita, conduziu os congressistas para a importante firma Valente, Costa & C.ª, às Devezas.

Aqui, como não há mistérios a encobrir e existe uma boa educação, os nossos camaradas foram recebidos com a mais cativante das amabilidades.

Todas as dependências, desde os escritórios e o gabinete da gerência até à secção de serração e casa das máquinas, foram apreciadas com subido interesse, que ia aumentando à medida que se ia verificando o desenvolvimento da maquinaria moderna. Porque na casa dos srs. Valente, Costa & C.ª quasi tudo se move mecanicamente. E, sem dúvida, em boa disposição, acção, higiene e maquinismos, a melhor casa vinícola do norte, senão do país.

Uma coisa constataron os congressistas: é que a firma Valente, Costa & C.ª já tem realizados nos seus armazéns e nas suas oficinas a maior parte dos preceitos consignados na tese sobre higiene que foi aprovada no congresso.

E se os congressistas constataron aquilo com prazer os srs. Valente, Costa & C.ª verificaram, no fim, que os terríveis «revolucionários» não fizeram lá nenhuma revolução — aquela revolução que o sr. Manuel Pestana pensou que eles iriam desencadear na sua... Companhia...

**C. V. S.**

**Congresso Internacional Universitário**

COPENHAGUE, 17.—Foi ontem inaugurado o congresso internacional universitário, com a presença dos ministros e de delegados de 30 nações.

**Kemal divorcia-se**

CONSTANTINOPLA, 17.—Mustafá Kemal acaba de se divorciar, por decreto, de sua mulher, Atifeh Hamoum, que declara ser uma moderna Josefina.

**A RENOVACÃO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS**

## A moagem de Samora Corrêa destrói e obriga a fechar uma escola primária

Mas é preciso que o povo seja ignorante e cego. E preciso que o povo seja submisso e crente. E por isso os potentados tiveram o cuidado de enriquecer as igrejas e as capelas, mantendo os padres num prestígio realengo, ao passo que outros vieram destruir escolas, por perigosas para os seus fins hipócritas e infames.

Não é que nas escolas se ensine sociologia; muito ao contrário: uma boa parte delas continua a ser regida por professoras beatas que não perdem uma minhina, uma novena ou um sermão... quanto mais não seja com o fim expresso de terem a protecção dos potentados, que num preciso momento podem dispor de carros e automóveis, cujo aluguer se paga por essa simples maneira; mas é que na escola aprende-se a ler; e quem sabe ler não é absolutamente cego. Os que sabem ler representam um perigo para os potentados.

Eles lá sabem por quê?

Foi talvez com esse fim que o ruído potente dos motores da moagem de Samora Correia sobrepujaram a voz modesta e simples do professor que leccionava na escola que o *Seculo* aqui fez construir por subscrição pública após o terramoto. Mas já quando viu que esse jornal, que tanta lingua tem para fazer a apologia da ditadura e dos ditadores dedicasse uma linha sequer à destruição dessa sua obra benemérita?

Nem uma palavra!

E por quê? Porque quem destruiu a escola de Samora, quem a emudeceu para sempre foi a «Samorense», companhia de moagem muito da simpatia do órgão da U. I. E.; e é por isso que ele nem tugu nem mingu quando ao seu conhecimento chegou a notícia do crime nefando que a moagem acabara de perpetrar. E o mesmo silêncio se encontrou no gabinete do ministro da Instrução e o mesmo silêncio se guardou na repartição do *arqui-bonzo* Silva Barreto que tem voz no Senado da República, mas não para atacar a Moagem mesmo quando ela atenta contra a existência de uma escola pública.

Eu sei, sabe-o a junta de freguesia, sabe-o o *Seculo* e sabe-o o antigo administrador da Companhia das Lezírias, Sousa Pereira, quanto custou obter desse colosso três palmos de terra para nela se edificara a escola que a «Samorense» obrigou a fechar; porque a junta de freguesia, senhora de tantas leguas de terrenos, cultos e incultos, mas que foi perdendo a pouco e pouco — uns absorvidos pela gúela hante da Companhia, outros dados quasi de mão beijada a outros «colossos» de mais baixo coturno, como o antigo administrador Carlos Maria Marques, que soube apropriar-se dos terrenos do Cabeço da Marinha que valem umas centenas de contos, e Estevam de Oliveira, que herdou os extensos *Salgados* que eram pertença legítima da Junta, — viu-se na dura necessidade de pedir uns palmos de terra ao colosso a quem tinha cedido tão importantes tratos dela. Nem para construir uma escola lhe sobrou uma misera parca.

E a Companhia fez à Junta de Samora essa insignificante escola; e a Escola construiu-se. Todos alucinaram de vigarice tal construção; mas ela lá estava, à beira do caminho, como que a dizer aos que passavam: aqui aprende-se a ler!

Mas veio a guerra hedionda, sangüinária, feroz. A immoralidade invadiu as nações e os indivíduos, e os grandes gátnos passaram a ter senhoria, excelência, reverência e alteza. O crime, ainda o mais nefando, passou a ter foros de acção louvável, notando-se apenas como atentados contra a segurança da sociedade as ideias de libertação, a propaganda de princípios igualitários.

O ceus milhão foi glorificado e entroncado como, nunca o havia sido, e levantaram-se-lhe templos — moagens — por toda a parte, fazendo-se crer que era a indústria produzindo sem peias nem obstáculos, mas, afinal, era a paralisação da verdadeira indústria, porque era apenas a aglomeração criminosa de capitais que passavam das mãos dos moageiros para os bancos da França, Inglaterra e América, improdutos e roubados à economia do nosso país.

Samora Correia teve, também, o seu templo ao deus milhão, o qual passou a pontificar o padre da freguesia, como bom pastor do rebanho submisso à sua vergasta canónica.

Foi um colosso que pariu outro.

A *Samorense* não poderia ter-se edificada em terreno da Junta por duas razões essenciais: 1.ª, porque a Junta o não tinha; 2.ª, porque já não era seu presidente o padre que a engendrara nas gordas entranhas da Companhia das Lezírias. Foi, pois, a esta que impetraram o terreno. Mas não foi somente o terreno; foram os pinheiros: os muitos centenares de pinheiros que as vagonetas da Companhia diariamente despojavam à frente das obras do novo templo, erigido em honra do deus — dinheiro.

Nunca a direcção da Companhia soube-nem de longe — quanto dispendeu com as obras da *Samorense*. Não soube nem o saberá.

E quem seria capaz de a informar?

O padre que é accionista de uma e de outra?

O antigo administrador a quem apenas a segunda interessava?

O actual administrador, sempre com o pé no estribo à espera do pontapé final e que viu na *Samorense* o salvatério dourado de qualquer desdouro na sua situação presente?

Os empregados convites na drenagem dos toros do Pinhal Novo?

Nem uns nem outros; por isso toda a gente o afirma, mas ninguém no-lo garante de forma a que possamos dizer aqui, em letra redonda, que a *Samorense* é uma filha querida da Companhia das Lezírias, uma filha dilctual cuja amamentação e crescimento lhe custou tanta centenas de contos. Um dia, mais tarde, é possível que tudo venha a saber-se.

E a *Samorense* levantou-se como uma es-



## Foi metida no Manicômio Bombarda uma mulher falsamente acusada de loucura?

FARO, 16.—Deu-se aqui, há dias, um caso que bastante impressionou quasi toda a população desta cidade.

A casa n.º 5 da estrada de Bom-João estava guardada pela polícia. Estranhando essa medida policial e procurando averiguar o motivo que a originara.

Uma das mulheres que mora próximo dessa casa informou-nos, altamente indignada, que se pretendia dar por doida uma senhora que nela habitava. Disse-nos ainda a nossa informadora que Maria Teresa Reis — assim se chama a pessoa que pretendem dar por louca — há muito tempo vem sendo vítima de maus tratos por parte de seu marido e de seu filho, tendo as visinhas de lhe darem comer para evitar que ela passasse fome.

Como a nossa informadora de nada mais nos pudesse esclarecer procuramos conversar com a suposta louca. Ainda chegamos, ao fim de algumas tentativas, a trocar com ela algumas palavras, mas o marido, intervindo bruscamente, não deixou continuar a conversação, declarando que não consentia que ninguém falasse com sua mulher. E esta intervenção maliciada frustrou os nossos bons propósitos.

Porém, como sabemos que a suposta louca ia ser conduzida para Lisboa, fomos à estação assistir à sua partida, na esperança de conseguirmos poder falar com ela.

Na estação deu-se um incidente entre o filho dela e um grupo de visinhos que o interceptavam por ele querer meter sua mãe num manicômio, quando ela fez por ele bastantes sacrifícios, chegando a sustentá-lo, quando se encontrava sem trabalho.

A conversação com a presumida doida pouco adiantou. O comboio estava prestes a partir e ela só nos pôde dizer que a atitude desumana de seu marido se devia a complicadas questões de família, que ela não podia estar a esmiuçar, mas que havia em Faro quem as conhecesse e que nos poderia informar. Acrescentou que não estava louca e das suas atitudes e as suas palavras deu-nos realmente a prova de que estava bastante lúcida, na plena posse das suas faculdades mentais. Declarou-nos que vinha para o hospital de São José a fim de ser observada, mas estava convencida de que os designs de seu marido não triunfariam.

Maria Teresa Reis tinha sido enganada, pois conseguimos apurar que ela ia para Lisboa destinada ao Manicômio Bombarda.

Na estação juntou-se muita gente que comentou desfavoravelmente o caso. Estamos convencidos de que se cometeu uma verdadeira infâmia.

A nossa inquietação é maior por sabermos a série de infâmias semelhantes a que se prestam as pessoas que dirigem estas casas de saúde.

## Uma série de quedas

Nos autos da Cruz Vermelha foram transportados ao hospital de São José:

Domingas Laia Mateus, de 56 anos, residente no beco dos Froes, 3, 1.º, que caiu da janela da residência para um saguão ficando com muitas contusões pelo corpo e chegando ao hospital sem fala, recolhendo à Sala de Observações em estado grave.

—Antônio Nunes Reupico, de 32 anos, natural da Certã, jornalista, morador na Quinta da Assunção que caiu do 2.º andar de um prédio em construção na rua Francisco Sanches, ficando ferido na cabeça. Depois de pensado no Banco deu entrada na enfermaria de Santo António.

—João Marques, de 70 anos, natural de Taboá, corticeiro, residente no telheiro de São Vicente, 9, que caiu na linha férrea, próximo da Madre de Deus, fracturando a perna direita. Deu entrada, depois de pensado, na Sala de Observações.

—João Godinho, de 56 anos, natural de Abrantes, sapateiro, rua de São Miguel, 21, 3.º, que caiu pelas escadilhas da igreja de São Vicente, fracturando a perna esquerda e ficando ferido na cabeça e rosto. Deu entrada na enfermaria de Santo Onofre.

—Maria Aurora Santos, de 23 anos, natural de Mangualde e moradora na rua Particular aos Prazeres, 12, 1.º, que caiu ao rio Terreiro do Paço. Depois de pensada no posto da Cruz Vermelha da praça do Comércio, recolheu à enfermaria de Santa Isabel.

—Antônio Osório, de 31 anos, natural da Covilhã, pedreiro, residente na Parede, que caiu próximo da residência, fracturando a perna direita.

### Ferido com um coice

Na sala de observações do hospital de São José, deu entrada José Joaquim Marcel, de 51 anos, natural e residente em Fanhões e que ali foi atingido pelo coice de uma muar ficando muito confuso no ventre.

Restitui-se a quem provar pertencer-lhe. finge, ali à entrada da vila, amarrando sob a sua pata robusta a miséria escola do Século, há 5 anos fechada e como que a dizer a quem vem: — *lasciada aqui speranza...* de comer pão que vos não destrua o estômago e os intestinos.

Mas a reclamação há de fazer-se ainda ao ministro da Instrução e há de mandar-se cópia dela ao Século. Queremos ver se o filho do autor de *Os meus amores* tem as mãos tão entaralhadas e a língua tão atulhada de arroz que não brade indignado: — Para traz, bandidos! Destruides uma escola em cujo pórtico se ostentava o nome de O Século. Pagareis caro o vosso atrevimento.

Se. ra FRAZÃO

## Lutando pelo futuro

Que a Patria seja toda a Terra e uma só família, a Humanidade

Há longa data que as classes trabalhadoras veem travando uma luta titânica contra todo o existente a fim de se libertarem da tutela capitalista e conquistarem a sua emancipação.

Porém, à marcha progressiva, que os trabalhadores pretendem desenvolver e activar, mostrando o caminho da verdade, opõem sempre todos os conservadores que, vivendo há muitos séculos da ingenuidade dos povos, querem por todas as formas ao seu alcance, esmagar e aniquilar as justas e nobres aspirações daqueles que, tendo produzido, sofrem os horrores da fome e da miséria, mercê da desigualdade social.

Dai resulta a guerra feroz entre explorados e exploradores.

Estes, escudados pela força das baionetas, lançam mão de todos os meios, ainda os mais violentos para deter o passo aos que, num rasgo de energia, se erguem a reivindicarem os seus direitos.

Porém, como os que propagam as novas ideias lutam com convicção e entusiasmo e são animados pela justiça e pela razão, coisas estas que, não há nas fileiras conservadoras que lutam apenas por vaidade e egoísmo, não de derubam o existente, embora o conservantismo social procure entravar o caminho em busca do bem estar geral.

Assim, não temendo perigos nem ameaças, vão transpondo os maiores obstáculos, levando a toda a parte do mundo o ideal dum porvir risonho, falando aos corações dos que sofrem, incutindo-lhes esperança em melhores dias, incitando-os à luta para destronar a burguesia e constituir uma sociedade, onde só se respeitem as leis da natureza e a vida seja perfeita e harmonica.

Sabemos muito bem que estas teorias não agradam às classes dominantes, que sempre têm vivido no fausto e na opulência, mercê da exploração do homem pelo homem.

Ora não será triste ver, os que constroem sumptuosos palácios e fofas camas definham-se em velhas mansardas, sem ar, sem luz, ou na imundície dos pátios e para descair do magro e massacrado corpo, após um dia de insano trabalho, terem uma repentina enxada de palha tão dura como táboas?

Não será infame ver soberbas e luxuosas carruagens conduzirem a burguesia às salas de espectáculos, enquanto uma legião de famintos, rotos e esfomeados esmolam a caridade pública?

Não será criminoso sabermos que as mesas dos ricos estão repletas de boas iguarias e na mesa do trabalhador não há, quantas vezes, uma cósia de pão, para entreter a fome aos seus filhos?

Não será abominável e desumano ver que os detentores de toda a riqueza social tratam melhor os seus animais de luxo, do que os seus filhos fabricam as máquinas e constroem as linhas do caminho de ferro; que atravessam os mares sob todas as tempestades; carregam e descarregam nos portos; abrem minas e rompem canais; edificam vilas, cidades e aldeias; descem ao interior da terra para extrair o metal e a preciosa hulha indo tudo encher de ouro os cofres dos improdutos?

E' triste; é infame e desumano! É por isso que as classes trabalhadoras, já fartas de tanta tirania, aceitam as novas ideias e vão ateando a chama da revolta, chama que, num dia mais ou menos próximo, há-de iluminar todo o universo!

A burguesia quer tolher-nos todos os movimentos, não deixando falar nem escrever, perseguindo e procurando por todos os meios desfazer-se dos que lutam por uma causa justa, verdadeira e humana!

Mas já é tarde!

Embora prendam e massacrem não conseguirão fazer desaparecer o ideal.

A semente foi lançada à terra, o fruto há-de brotar! Será a mão calosa do trabalhador que um dia colherá esse sublime e delicioso fruto, que será o bem estar de toda a humanidade.

Mas para chegarmos a esse dia é preciso a união de todos os que trabalham e que sofrem. É necessário derubar a sociedade capitalista, apassando-nos do solo e dos instrumentos da produção.

É preciso que a Patria seja toda a Terra e uma só família, a Humanidade!... Lutemos, pois.

J. Nunes SCHEIDECKER.

## Como se tratam presos

Num dos calabouços do governo civil encontra-se há três meses, sem culpa formada, Luís Félix, que uma polícia acusa de ter tomado parte no lançamento da bomba na rua dos Bacalhoeiros.

Se esse cavalheiro está convencido da verdade da sua acusação, porque lhe não dão o devido destino?

Mas tal é a certeza do acusador, que o referido preso ainda não foi ouvido, apesar de bastantes vezes ter pedido para ser interrogado.

Preferem conservá-lo sepultado, num calabouço sem luz, sem ar suficiente, para lhe arruinarem a saúde.

Luís Félix sofre de uma doença da garganta, da qual necessita tratar diariamente, e que tende a agravar-se. O tratamento adequado, na opinião da polícia, é a permanência numa insalubre cubículo, e a promiscuidade perigosa.

A polícia continua, como se vê, a cumprir com os seus deveres perante a lei e princípios de humanidade...

### EDEN TEATRO

Telef. N. 3800

HOJE

A MARAVILHOSA «FEERIE»

A CIDADE ONDE

A GENTE SE ABORRECE

FIGURAS

EM SCENA 80

A peça de maior aparato

na actualidade

## Aos Sindicatos Marítimos

### NOTA OFICIOSA

O Comité Confederal, em virtude da Federação dos Trabalhadores Marítimos ter resolvido suspender as suas relações com a Confederação Geral do Trabalho e por esse motivo não requisitar expediente para as cobranças, convida todos os sindicatos marítimos que não concordem com tão insólita atitude a requisitarem directamente ao Comité Confederal os selos-cotas e mais expediente de que necessitem.

### O COMITÉ CONFEDERAL

### As manobras do exército vermelho

MOSCÓVIA, 17.—Foram fixadas para Setembro as grandes manobras do exército vermelho às quais assistirão delegados estrangeiros à Terceira Internacional.

### A liberdade de reunião na América do Norte

Foram presos em Grant Town, W. Virginia, cento e vinte homens e onze mulheres por pertencerem a comissões de grevistas, e formarem grupos diante das minas da «New England Fuel» e «Transportation & Co». A polícia acusou os grevistas de terem violado uma ordem que estabeleceu que eles não podem reunir-se em grupos de mais de três pessoas!

Entre os presos figuravam o advogado U. A. Knapp e Mc Alister Coleman, correspondente dos jornais de Nova York, que foram postos em liberdade sob uma fiança de mil dólares.

O juiz W. E. Baker declarou que a «persuasão pacífica» para se ingressar numa associação não constituía delito, mas as companhias das minas de carvão pediram que se impedisse judicialmente que a associação dos mineiros tentasse organizar os trabalhadores da região de Panhandle.

### Escolas em Africa

Devem ser brevemente inauguradas as duas escolas-internatos para as crianças indígenas, de ambos os sexos, uma em Lourenço Marques e outra em Inhambane.

### Agressões misteriosas

A Sala de Observações do hospital de São José, recolheu Albino Vicente de 32 anos, trabalhador, residente na Ribeira da Penha Longa em Cascais, e que ali quando ontem à noite recolhia a casa, foi assaltado por um grupo de uns quatro indivíduos que o agrediram à paulada, ficando ferido no rosto e na cabeça. Os agressores, que o ferido desconhece, evadiram-se.

Na enfermaria de Santo António deu entrada Ilídio Gonçalves Amorim, de 24 anos, natural de V. N. da Cerveira, residente na Ilha do Grilo, 92 e que quando recolhia ontem a noite a casa ao passar na rua da Manutenção Militar, foi ferido com um tiro que o atingiu na perna esquerda, ignorando de onde ele partiu.

PREDIO COM loja e 1.º andar, vende-se em Vila Franca de Xira, na travessa do Adro n.º 1. Trata-se com Francisco Dias na Vala do Carregado.

### A questão anti-semita

VIENA, 17.—O congresso sionista deu lugar a graves desordens anti-semitas, das quais resultaram muitos feridos e grande número de prisões.

### CONSELHO DE MINISTROS

O conselho de ministros reúne hoje, pelas 10 horas, na secretaria do interior.

### CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º

TELEFONE C. 4186

### Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

### CADAVÉR DESCONHECIDO

Deu entrada na morgue um rapaz que aparenta ter 12 anos, e cuja identidade se desconhece, que foi encontrado morto na linha férrea das Laranjeiras.

### ACREDITA:

A fraude geral, a tuberculose, a envenenamento, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são feitos um inimigo poderoso

### A NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGICO ESSENCIAL

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

Laboratórios do SERRAVALLE SARMISTO

Praca dos Restauradores, 18 LISBOA

### Mais um preso

Foi preso, ontem à tarde, na calçada do Combro, o manipulador de pão José Marques Teixeira.

### Mais uma catástrofe no Japão

TOKIO, 17.—Toda a região de Nagoya foi assolada por terríveis inundações que causaram prejuízos avaliados em dez milhões de «yens».

### LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

## DESPORTOS

### Taça «José Bento Gonçalves»

A fim de perpetuarem a memória do seu querido companheiro de trabalho José Bento Gonçalves, morto tragicamente no desastre da Azambuja, instituiu a Direcção do Grupo Desportivo do Banco Nacional Ultramarino uma taça com o nome do seu colega, para ser disputada em «water-polo», pelos diversos grupos desportivos bancários.

### AUTOMOBILISMO

#### I Circuito de Traz-os-Montes

E' hoje que se encerra a inscrição para o I Circuito de Traz-os-Montes, a grande prova automobilista, que se realiza no próximo domingo no triângulo que vai de Chaves a Miranda, Vila Real e Chaves. Será a prova desportiva-comercial, onde o agente do bom carro, tentará impor a sua marca.

#### Rallye Nacional de Automóveis

Há grande número de inscrições para o Rallye, que se disputa por ocasião do Circuito de Traz-os-Montes. Atendendo ao pedido de vários automobilistas que se acham no estrangeiro, para que o Rallye autorizasse a partida doutros países, foi concedido esse pedido.

#### Concurso de Elegância

Continuam a receber-se inscrições para o Concurso de Elegância, que se realiza no domingo do Circuito, no parque de Chaves. A inscrição encerra-se na próxima terça-feira.

#### II Quilómetro Lançado

Está a encerrar-se a inscrição para o II Quilómetro Lançado, que se realiza no domingo, 30 de Agosto, ao longo de uma das mais belas artérias portuenses, sendo oferecido um artístico tinteiro, para ser disputado no Quilómetro.

As inscrições podem ser enviadas para a rua de Santa Catarina, 108, 3.º, Porto.

## A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

### SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . . . 324/33 Sapatos em verniz . . . . . 384/39 Botas pretas (grande salto) . . . . . 484/50 Botas brancas (saiado) . . . . . 384/39 Grande salto de botas pretas . . . . . 384/39 Botas de couro para homem . . . . . 444/45

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa. Ver bem, pois só lá encontra bom e barato. A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 65.

### Lei do inquilinato

Foi já assinado o decreto esclarecendo as disposições contidas nos artigos 4.º e 5.º e respectivos parágrafos do decreto 10.774 sobre inquilinato, da autoria do anterior ministro da Justiça, dr. sr. Adolfo Coutinho. Segundo o referido diploma, aquelas disposições, que tratam da impugnação de acções de despejo e da suspensão destes, são unicamente aplicáveis em processos de despejo de prédios urbanos. Os outros processos de despejo de prédios rústicos continuam a ser regulados nos termos prescritos na anterior legislação em vigor, devendo a impugnação suspender o despejo somente nos casos do artigo 77 do decreto 5.411, de 17 de Abril de 1919 e os recursos terem efeito devolutivo, não suspendendo o despejo.

### Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5800.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2550.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5800.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6800.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

### AGREMAÇÕES VARIAS

Associação dos Inquilinos Lisboenses. — Reuniu a direcção e, estando a associação já legalmente constituída, mandou distribuir aos sócios os estatutos pagos em Junho. Mais deliberou que no próximo mês de Outubro, principiem as conferências sobre o inquilinato.

Club recreativo «Os Boémios». — Reúne hoje pelas 21 horas.

### Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

### TIVOLI

TEL. N. 3471

Revisita de Actualidades

Fantasia em cinco partes com o pequenino actor

DINKI DEAN

o rival de Jack e Coogan

IV

VIRGINIO

Campeão de Polo

Cine farça em duas partes

com Lige Conly

## A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

### Guarda

#### Uma procissão de carneiros

GUARDA, 15.—Sem que nos tivesse ainda passado da memória a morte de um operário, quando subia a um carneiro que conduziria a uma piedosa romagem, temos já, hoje, a registar outro espectáculo no género—a festa à senhora do Milen, onde verificamos o facto lamentável de alguns operários, que usam caderneta confederal irem, envergando opa, a pegar em fitinhas e em andores de santinhos.

Entre esses ia um textil, Agnelo Antunes, que outrora foi um feroz inimigo da igreja e de manifestações religiosas.

Fomos até Milen, lugar muito próximo da cidade, assistir à festa, e o espectáculo que se nos deparou é digno de referência. Todo o possuidor de cabeças de gado, lá andava, passeando-os em torno da moradia da senhora, dando um determinado número de voltas «prometido» para que a senhora guardasse o gado.

Homens e carneiros volteavam, sob um sol abrasador, estando os carneiros fidos proprietários e os proprietários dos carneiros quasi a fundir-se com o calor, a avaliar pelos caudalosos rios de suor que por eles desciam.

Em resumo: não era muito fácil descobrir quais eram, verdadeiramente, os carneiros. —C.

### Alenquer

Uma afirmação gratuita—Os feitos dum «ilustre» e dum «modesto articulista»

ALENQUER, 10.—O artigo sobre os acontecimentos de Alenquer, publicado no «Correio da Manhã» obriga-me a abrir um pequeno parêntese na relação dos factos, para só tratar do que me diz respeito, visto no referido jornal ser atacado directamente. Mais uma vez pretendo o «reporter» do «Correio da Manhã» atribuir a outrem a autoria destas minhas correspondências sem que para tal afirmativa tenha os mais simples dados.

O sermão é de encomenda e ele só faz o que o dono lhe manda, pois que para isso lhe paga.

Não tenho grande instrução, é facto, mas a que posso chegar para alinhar estas linhas para A Batalha, onde não me exigem tiradas literárias, mas, apenas, que eu seja sincero e que escreva factos verdadeiros.

Eu é que poderia afirmar, e sem perigo de errar, que é o próprio «Machado» que faz todo aquele mentiroso escarceo a que o «Correio da Manhã» poz o título de «O caso de Alenquer».

E poderia fazer tal afirmativa, visto que, estilo, forma, palavreado são os usados pelo «Machado» no seu jornalco cá da terra.

Mas, visto que o sr. António Correia Júnior quer assumir a paternidade daquelas suas arremetidas, a ele nos dirigimos, como se ele fosse um verdadeiro autor e não um assalariado.

Informando-me da veracidade da sua afirmativa sobre a apreensão do trigo, soube que ela foi tão justa e tão bem feita, que tendo sido reclamado, superiormente, foi anulada e mandados levantar os sítios.

Os factos subsequentes da passagem do sr. Correia por este concelho, levam-me à conclusão, que se não aceitou as tais ofertas, não foi por ombridade nem por infanteria de carácter.

Foi, sim, porque a parte que lhe correspondia na apreensão, era muito superior ao dinheiro oferecido. E o sr. Correia, em questões de dinheiro, é uma conversa...

No caso da Moagem, a ser verdadeiro, só mostra ter sido um péssimo funcionário. Sobre as joias, é interessante o mistério com que pretende envolver o acontecido.

Querendo, «à viva força», fazer-se passar por criatura séria e de sentimentos, cota-se em tal valor que, para o fazerem desaparecer de Aldragarilha, como um temível D. Juan, foi necessário inventar um romance e simulado ronbo de joias.

O sr. Correia a armar em protagonista de romance!

Líbia e lata tem como os melhores e tanta que, apoderando-se das joias, romanticamente as foi pôr no prego. Um período D. Juan... de velia.

Mas sobre o negociante da Mercena é que não diz nem palavra. Caçou-lhe 200\$00 e preparou-se para prosseguir na chantagem, a ver se conseguia apañar-lhe mais.

Pelo menos é o que as cartinhas, escritas pelo seu punho, rezam.

Para o futuro, em casos semelhantes (e que não devem ser poucos) o sr. Correia tenha mais cautela. Olhe que o preto sobre o branco fala como gente.

Igual silêncio, a respeito das palmetas caçadas aos merceneiros, na estação de Dois Portos. As vítimas são numerosas e o sr. Correia, não sei porque diabo deixou tão lucrativo modo de vida, para se dedicar a reportar.

Ora o sr. Correia, a presumir de pessoa séria, e a pretender difamar criaturas que nem conhece, quando tem um passado tão limpo, pelo que se sabe (ora o que não sabemos, mas que vamos averiguar) e com uma tal linha de proceder que o próprio pai, criatura honest



# Livros em Esperanto

DA FIRMA  
**Peixoto, Pinheiro & Maia, L.da**  
R. da Palma, 14 e 16  
R. da Boa Vista, 22  
E DA FIRMA  
**Peixoto, Maia & Pinheiro, L.da**  
R. de São Paulo, 31  
R. de São Paulo, 114  
são as que mais se limitam  
TELEFONES: C. 1322-N, 5117

LISBO

A

Lêde o Suplemento de "A Batalha"

ai as minhas condi-  
consentir em bom número de reformas, que satisfarã  
os burgueses: resignar-me hei, a não ser o instrumen

2

duvidando das minhas palavras, quizeses assegurar-ta da realidade dessa carnificaria, antes de voltar a Paris dirige-te ao vale que eu te digo, olha, e sobretudo tapa o nariz... porque os cadáveres desses Jacques começam a cheirar mal!

Mahiet, esquecendo os seus laços, faz um novo movimento para se atirar a Carlos o Mau; este continua rindo:

— Ingrato!... tu querias estrangular-me... Vê contudo a minha generosidade; poupei a vida dos três chefes desse bando de lobos danados...

— Será verdade? exclamou o advogado de armas, meu irmão teria escapado ao massacre?

— Sim. E se em vez de mugires como um touro amarrado, tu falas pacificamente, como deve falar um enviado bem educado, dou-te a minha palavra de cavaleiro que, daqui a pouco, verás teu irmão.

— Mazureck vive, vê-lo hei!

— Vive, e tu o verás; á fé de cavaleiro eu te repito. Porém por Deus, conversemos razoavelmente, é preciso agora combinar os meios que devemos tomar a fim de que eu e Marcel possamos obrar de accordo.

— Marcel! exclamou Mahiet, Marcel obrar de accordo contigo, cobarde carasso de tantas vítimas! Marcel ligar-se daqui em diante contigo, que dissesse que todo o vassallo revoltado merece a morte! Ah essa funesta aliança contratada sob a imperiosa necessidade das circunstâncias, está quebrada para sempre! É um terrível ensino, esclarecerá os povos tentados de procurarem apoio nos príncipes para combaterem um inimigo comum!

— Tu és um tolo! calumnias o bom senso de Marcel, de quem melhor que tu aprecio a sábia politica. Oh! oh! um mestre desse mercador de panos! Sabes tu o que elle responderá, se tu fores todo espartado, anunciar a matança desses Jacques?

— Sim, bem o sei.

— Pois também eu o sei. Ora elle responderá isto: Burguesia e Jacquerie eram o meu exercito, esperava disciplina-lo e poder dizer ao Rei de Navarra: o meu

consentir em bom número de reformas, que satisfizesse os burgueses; resignar-me hei, a não ser o instrumento passivo das assembleas nacionais, como quer Marcel, e porei a governar de accordo com elas, e empregare todos os meus esforços para terminar a guerra contra os inglezes. Enquanto a levantar completamente o Jacques, não; porque isso faria um inimigo em cada senhor! Jacques Bonhomme ficará Jacques Bonhomme como dantes! A sua liberdade! E' insensato! Quem encheria o tesouro real? A liberdade de Jacques Bonhomme seria o fim do senhorio e da realza! Essas partes da burguesia, saídas das comunas, são já muito ameaçadoramente para os tronos. Isto entendido, tu dirás a Marcel, que a amanhã reunirei as diferentes tropas do meu exército, e com elas marcharei para Paris, de que espero me abrirão as portas. E também afim de combinar com elle, estes factos e outros, tu lhe dirás que venha procurar-me a Saint-Ouen, onde eu estarei depois de amanhã á noite.

A impiedosa lógica de Carlos o Mau redroba ainda o horror que elle inspirava a Marcel; este horror do testemunhã-lo quando sete horas deram na igreja de Clermont. O rei de Navarra sorriu-se e disse ao Advogado de armas:

— Prometti-te que verias teu irmão, vais vê-lo. Quero dizer-te como descobri o teu parentesco. Tinha ontem postado num recanto secreto da prisão dos três chefes d'esses Jacques, um patife todo elle ouvidos, e eu carregado de espiar esses rústicos; elle ouviu um deles dirigindo-se aos seus cúmplices, lamentar, não a vida que elle esperava perder, porém uma última entrevista com seu irmão Mahiet, o Advogado de armas e amigo de Marcel. Ora esta manhã recebendo a carta assinada Mahiet, na qual tu te annunciavas como em viado do preboste dos mercadores, foi-me facil reconhecer o teu parentesco com esse Jacques.

— Aonde está meu irmão?

— Aqui perto. Tu vais vê-lo; não te dei eu a minha palavra á fé de cavaleiro? assim previne Marcel áquella que depois de amanhã o espero em Saint-Ouen.



# A BATALHA

## EDUCAÇÃO

(Tese a apresentar ao I Congresso Confederal, IV Nacional)

«Ora os princípios que regem a emancipação operária e a concomitante realização do ideal social são, a nosso ver, os mesmos que devem presidir e orientar a educação popular e social.

«Se o ideal social é a suprema aspiração à realização duma nova organização social, segundo a previsão científica, se o objecto da educação é a preparação para a vida social, não tem de ser diferente e perfeito, para a vida e adaptação do indivíduo às leis do progresso das sociedades, — evidente se torna que a Educação deve ser orientada no sentido de preparar esse mesmo indivíduo a viver nessa nova organização social.

«De contrário é fazer da Educação não um objectivo mais profundo e mais elevado, — e a Educação para ser científica, verdadeira, tem de identificar a sua acção com a ideologia, os seus meios com os fins a sua base científica com o ideal científico, o seu objectivo com a realidade.

«Para tal, ela tem, portanto, de ser igualmente obra dos próprios operários, de todos os trabalhadores, — únicos indivíduos em que, na actual sociedade, há a consciência sinceramente arraigada e a ansiosa tendência moral — não simples desporto nobilita, mas vindo do mais íntimo do seu ser, — de realizar — sem transigências, nem contemporizações dilatórias — o que idealizam, de harmonizar, — tanto quanto possível, num meio hostil como o burguês, — as suas acções com o que pensam e idealizam.

«Por isso a Educação popular ou social tem de ser obra do povo, do próprio povo, da gente do povo, de todos os trabalhadores, daqueles que estão integrados no Ideal social que a previsão científica impõe.

\*\*\*

«O ser humano é, por natureza e definição, um ser social e sociável; a sua educação, portanto, deve atender a essa qualidade específica e aproveitá-la na sua máxima potência.

A Educação, por conseguinte, deve ser caracterizadamente social e todos os conhecimentos e ensinamentos das diversas ciências, que é útil possuir, devem ter esse carácter.

«O ensino das ciências, — matemáticas, física, química, biologia, psicologia, — deve ser orientado e canalizado no sentido de contribuir para uma utilidade e educação sociais dos indivíduos e deve estar subordinado ao ideal social, à Sociologia.

«Para o género humano há uma educação integral, geral, humana; para as diversas individualidades humanas, baseadas nos caracteres específicos das aptidões naturais, que destacam o indivíduo dentro da espécie e do género, uma educação especializada e profissional, a mais completa possível. Pelo facto de ter figura humana, todo o indivíduo humano tem o direito a uma cultura integral geral correspondente ao nível e grau de cultura técnica e especial que as aptidões especiais podem comportar.

«A educação geral assim orientada, ligada e relacionada com a educação especializada, constitui no seu conjunto ou fusão o que pode chamar-se **educação técnica**, em que a teoria está intimamente conjugada com o fim e a prática profissionais.

«A **educação técnica**, abrangendo o conteúdo e sintetizando as duas educações: a geral e a especializada, — cria, desenvolve, aproveita, educa todas as energias do indivíduo e utiliza para isso, tanto a ciência como a arte, tanto as leis naturais e os princípios como as regras, tanto a teoria como a prática. Tem, pois, por objecto o estudo teórico e prático das ciências e das artes ou ofícios, com o fim de preparar os indivíduos para a vida social.

«Esta educação, metódica e orientada, contribui por si só para a cultura geral e desenvolvimento das actividades fisiológicas, estéticas, intelectuais e sociais do indivíduo humano.

«O início basilar desta educação são o conjunto dos **trabalhos manuais educativos** que por si próprios servem de processo e de ponto de partida de todos os conhecimentos, dando motivo à educação fisiológica, estética, intelectual e social.

«Essa educação surge naturalmente, e seguindo a ordem e intensidade por que aparecem na criança os seus diversos interesses, preenche todo o 1.º ciclo, vindo

alargando e intensificando-se nos sub-ciclos em que se subdivide. Dentro da escola primária geral esboça-se nos últimos graus uma transição suave, quase imperceptível, para a educação profissional e cuja especialização não será mais do que um mero aproveitamento, mais extensivo do que intensivo, do que um aproveitamento hábil das aptidões, tendências, predilecções, dos tipos visuais, auditivos, motores, mentais da criança.

«No 2.º ciclo, as educações fisiológica, estética, intelectual e social, baseadas nas do 1.º ciclo, intensificam-se gradualmente e os trabalhos manuais educativos são executados paralelamente em vez de servirem de base como no ciclo anterior. Igualmente o mesmo facto quanto à educação profissional.

«Os trabalhos manuais educativos atingem, neste ciclo, o máximo da sua intensidade, e servem de ligação e não já de base entre as educações fisiológica, estética, intelectual e social e a educação profissional.

«No 3.º ciclo, baseadas nas educações dos ciclos anteriores, realizam-se as especializações científicas e técnicas, já esboçadas e aproveitadas nestes ciclos.

«Os trabalhos manuais educativos vão-se apagando gradualmente até ao momento em que se juntam directamente as educações fisiológica, estética, intelectual e social à educação profissional.

«A introdução dos trabalhos manuais educativos na escola, com o fim não só de completar a educação subjectiva, dando-lhe um carácter integral, mas também de despertar e patentear as diversas aptidões, e, portanto o seu aproveitamento subsequente, de carácter profissional, traduz bem essa aspiração, essa corrente de orientar a educação sociologicamente e caracterizadamente tecnicamente. Nos quadros dos trabalhos manuais educativos da escola primária, está bem a base do aproveitamento das aptidões e a sua iniciação no cultivo de um mister que quando progressivamente intensificado e especializado num certo e determinado sentido conduz à **educação técnica**, ao saber científico-técnico.

«A educação técnica integral forma um sistema sintetizado nestes princípios:

- a) Educação de orientação positiva e sociológica, baseada na natureza social do ser humano.
- b) Educação fundada na Psico-pedagogia, — natureza psicológica do ser humano.
- c) Educação funcional — Utilização destas duas características naturais do ser humano.

«O seu método é activo, ou seja um con-

junto de processos excitadores de energias, quer sensoriais e sentimentais, quer intelectuais e sociais e cria por sua vez em cada criança a necessária técnica dos diversos processos científicos, cujo todo forma o método científico — a observação.

«Os processos do método activo são: processo experimental (trabalhos manuais educativos, experiências de laboratório, preparações de animais e plantas, gráficos, diagramas, esquemas, quadros sinópticos, exercícios de redacção, de composição, etc.); intuitivo (de observação, analítico, lições de coisas, museus, excursões, etc.); racional (só ensinar à criança as verdades demonstradas e destas só as que ela pode compreender; eurístico, sócrático, etc.).

«Quando à educação em sentido restrito devem empregar os processos mesológicos que consistem em pôr a criança numa ambiência favorável, de simpatia, numa **estufa de cultura** fisiológica, estética, intelectual e social, numa situação que ela sinta necessariamente o prazer de per si, sem coacção, executar a tarefa que se lhe propôr.

«Arreda dela os factores deletérios e rodeiam-se de factores que lhe criem uma natureza que sinta prazer em praticar o bem, que sinta necessidade de executar acções que reputamos profícuas.

«Criam-lhe um estado psicológico de simpatia pelo acto: bom é de antipatia, de dor, pelo acto contrário ou pela sua não execução.

«São processos especiais, não de catarris, mas de sublimação que fortificam activamente a consciência, criam o carácter, formam a personalidade do ser humano.

Estes exercitios respigam-nos, como já dissemos, da tese que foi presente ao Congresso da Covilhã, respigamento porventura mais mal que bem feito, pois consideramos que toda a referida tese não poderá ser sujeita a restrições e servirá sempre para uma boa orientação nos trabalhos respeitantes à educação.

Do mesmo modo não procederemos quanto às suas conclusões, tanto porque sintetizámos cabalmente todo o espírito do seu desenvolvimento préambulo, como porque continuamos a ter cabal preferência na solução deste importante problema:

1. — A organização social sindicalista, organização de previdência social, cum-

prossos social, nem aperfeiçoamento humano.

II — O regime social burguês é impróprio para aplicar os princípios fundamentais da moderna Pedagogia, cuja base está na psicologia humana e cujo fim se concretiza na realização do Ideal individual e social, preconizado pela previsão científica, pela Sociologia.

III — A Educação deve ser obra dos próprios trabalhadores, únicos depositários duma ideologia que está de harmonia com as leis naturais da Sociologia.

IV — A Educação deve ser obra dos próprios trabalhadores, únicos depositários dessa sinceridade e honestidade de intenções capazes de torná-la exclusivamente criadora e amiga da Verdade pura, limpa de preconceitos, isenta de dogmas, sejam eles económicos e familiares, sejam artísticos e científicos, sejam, ainda, morais, jurídicos ou políticos.

V — As escolas e os institutos de educação devem acompanhar a evolução das ideias e dos ideais das ciências, estar sempre ao corrente das novas teorias e técnicas, e ser animados por uma ideologia criadora e propulsora de um constante aperfeiçoamento próprio e alheio.

VI — A Organização social sindicalista preconiza os seguintes princípios gerais em matéria de Educação:

a) — A Educação baseada e idealizada na natureza humana, tem como objectivo desenvolver integralmente essa natureza, tornando o ser humano uma individualidade conscientemente social, capaz de transformar as energias sociais — Educação integral subjectiva e objectiva, cíclica, com a Sociologia por ciência hegemónica. Escolas-Oficinas, Escolas do Trabalho.

b) — Junto de todas as Escolas deve funcionar, para educação social prática e como instituição escolar fundamental uma associação de alunos, — tipo «Solidários» — a qual manterá várias secções e nomeadamente a da cantina escolar.

c) — A Escola deve ser única, isto é, não deve haver escolas separadas conforme as classes sociais, — umas, de instrução formal e clássica, criadoras de seres mutilados, de cérebros treinados no parasitismo intelectualista — o dissolvente e imoral *intellectualismo*; outros, de adiestramento físico, boçal e grosseiramente utilitários, criadoras de seres também incompletos, de músculos — máquinas *aperfeiçoadas* no exercício fisiológico automático, — o entorpecedor e aviltante *trabalho servil*.

d) — A Educação deve ser absolutamente gratuita em todos os seus ciclos e deve ser

lícito percorrê-la na sua escala e especiali-

dades a quem tenha aptidões para tal. e) A Escola é dos educandos e para os educandos: ela é um abrigo, um lugar sempre patente, durante todos os dias e todo o ano. Nela tudo deve convergir e conspirar para o seu exclusivo bem-estar, — bem-estar, aliás, das gerações fortes e sãs que não de constituir a sociedade de amanhã.

A Escola tem como missão a Educação, sendo o sujeito da Educação a criança, o aluno, o estudante, o educando que a frequência, lógico se torna que para a realizar se atenda exclusivamente aos elevados interesses desse sujeito. A organização e funcionamento escolares devem, pois, ter em vista o proveito exclusivo do educando e o respeito pelos seus direitos, que são os da futura Humanidade.

f) Devem ser abolidas as notas numéricas e as classificações acerca dos alunos e seu aproveitamento, passando a haver apenas a qualificação de *suficiente* ou de *insuficiente* desenvolvimento fisiológico e mental, aptidão e saber para admissão, passagem de grau e conclusão dos estudos escolares de respectivo curso.

g) O quadro e o plano das matérias ou disciplinas, os horários, os dias e os anos lectivos, as aulas, a organização e funcionamento escolar, etc., devem ser elaborados, postos em prática e interpretados em proveito exclusivo da criança, dos seus respeitabilíssimos direitos, conveniências e interesses, e não em função de quaisquer inconferíveis conveniências dos adultos conforme o egoísmo dum «magister» rotineiro e amigo de... si próprio, dum família imprevidente e comodista, em que os caprichos snobistas dos costumes mundanos prevalecem sobre os mais restritos interesses da criança, em que é esta que se sacrifica perante o adulto, incapaz de ceder e de renegar os seus viciosos hábitos anti-sociais em holocausto das gerações futuras.

h) Em lugares apropriados devem construir-se escolas-sanatórios marítimas e de altitude para colónias de crianças que as frequentarão nas épocas e condições que a inspecção médico-pedagógica achar mais oportunas.

i) A Escola é a única instituição congruente à assistência à infância, adolescência e mocidade. Todas as instituições de carácter correcional, penal — asilos, albergues, refúgios, colónias agrícolas, tutorias, etc. — devem ser transformadas em estabelecimentos essencialmente escolares de Educação.

(Continua)

### MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

#### Uma greve de operários do vestuário na América

Encontram-se em greve mais de dois mil operários e operárias das fábricas de vestuário de San Luis, Mo.

Esta cidade é um dos mais importantes centros industriais deste género de trabalho, e tem até agora resistido a todas as tentativas feitas para organizar os trabalhadores.

A roupa confeccionada em San Luis pode concorrer vantajosamente com a de Nova York e Chicago, e por isso é um perigo para os trabalhadores organizados destas cidades.

Algumas casas pequenas já cederam às reclamações dos grevistas, mas nas grandes empresas a luta promete ser renhida.

A polícia prendeu já mais de duzentas pessoas, pertencentes às comissões de greve, encarregadas de convencer os amarelos a abandonarem o trabalho.

#### O elemento latino e os marítimos americanos

Como consequência da Conferência Internacional Marítima realizada há meses em Nova Orleans, estão-se organizando com grande actividade em vários portos americanos comités de propaganda e acção.

Assim em Nova York, Baltimore e Boston já se constituíram os comités latinos de propaganda e organização, e vão-se constituindo outros em Filadélfia, Norfolk e Nova Orleans. Também em São João da Ilha do Porto Rico se estabeleceu um ramo da organização dos estivadores do porto.

Em Janeiro próximo realizar-se há uma nova conferência marítima em Havana, ilha de Cuba, a qual representará uma declaração de guerra a todos os exploradores dos trabalhadores do mar.

#### Uma conferência de trabalhadores asiáticos

O Bureau Internacional do Trabalho recebeu há dias a seguinte comunicação:

«Os representantes operários da Índia e do Japão na sua 7.ª Conferência Internacional do Trabalho, reuniram-se recentemente em Genebra, tendo concordado, em princípio, em convocar uma conferência dos trabalhadores asiáticos, que provavelmente se realizará em Xangai para o ano que vem.

«Suzuki, presidente da Confederação do Trabalho Japonesa, que aceitou o lugar de secretário geral da Conferência, fica encarregado de consultar as organizações operárias de todos os países asiáticos.

Este comunicado é assinado pelo presidente da C. G. T. do Japão, por dois membros da Assembleia Legislativa, Índia pelo secretário geral do Congresso dos Sindicatos da Índia, pelo representante da Federação dos sindicatos marítimos japoneses, e pelo representante da Federação dos Operários Japoneses das Empresas do Estado.

#### Secção Telegráfica

##### Federações

DO LIVRO E DO JORNAL

Liga das Artes Gráficas de Santa-rém — Recebemos credencial.

Liga das Artes Gráficas de Évora. — Mandem dizer se têm recebido correspondência.

FEDERAÇÃO VINÍCOLA

Sindicato dos Tanoeiros de Gaia. — Fomos ontem ao ministério; prometem-nos tratar do assunto o mais breve possível, ainda lá voltamos esta semana.

### HORARIO DE TRABALHO

#### A greve dos mobiliários de Guimarães

Os grevistas não desanimam a pesar das defecções

GUIMARÃES, 14. — Continua com a mesma energia a greve de protesto dos operários mobiliários da casa Neves & C.ª desta cidade, a pesar de alguns amarelos, que acompanhavam o movimento, terem retomado o trabalho, na condição de trabalhadores cinco dias, sendo 4 dias a 10 horas e um, o sábado, a 8 horas, o que prefaz as 48 horas por semana da lei, sendo uma forma de a sofismar, pois o horário normal diário é de 8 e não de 10, e o que ali se está fazendo é um ardil para estabelecer este último.

Pretendem esses senhores com isso iludir o público que assiste ao movimento, e, portanto, não acharíamos descabido que o governador civil verificasse se os triplicados estão de harmonia com o regulamento, em vigor, à lei do horário de trabalho.

A firma Neves & C.ª vai já dizendo que o pessoal em luta se considera despedido, e que, quando tenha de admitir pessoal, escolherá o que mais lhe convenha, dizendo mais não ter trabalho para lhe dar.

Nestas afirmações vai a clara ameaça de, quando a luta findar, fechar a porta a alguns, porventura aqueles que mais ardor mostram na luta, de lançar na miséria meia dúzia de lares dos mais rebeldes e ativos, para, com essa mesquinha represália, impor o medo, aos mais tímidos, pela defesa dos seus interesses, das regalias a que têm direito.

Mas estamos certos, tal ameaça não fará esmorecer os que até agora se têm mantido na luta pelo estabelecimento de uma regalia a que têm incontestável direito. — C.

#### As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

### SOLIDARIEDADE

A favor de Manuel Ramos

Quetes tiradas a bordo de alguns navios portugueses:

Vapor «Angola», pessoal de câmaras, 381\$00; pessoal de fogo, 187\$00; pessoal de convés, 171\$00; «Pedro Gomes» pessoal de câmaras, 112\$00; pessoal de fogo, 105\$50; pessoal de convés, 90\$00; «Lourenço Marques», pessoal de câmaras, 102\$50; «Moçambique» pessoal de câmaras, 35\$00; pessoal de fogo, 90\$00; pessoal de convés, 81\$50; «Africa» pessoal de câmaras, 170\$00; pessoal de fogo, 145\$00; pessoal de convés, 272\$50; «Cubango» pessoal de câmaras, 57\$80; pessoal de fogo, 46\$00; pessoal de convés, 27\$00, de um grupo de camaradas residentes em Loanda, 55\$900; total, esc. 2.714\$90.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de Campos dará consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cadereta confederal em dia.

### Como se faz bolzevismo

O Congresso das Trade-Union inglesas enviou recentemente à Rússia sete (7) delegados investigadores; sete homens cujas vidas têm estado dedicadas na sua maior parte às questões trade-unionistas. Chegaram a Moscova em 11 de Novembro de 1924, percorreram o imenso país, tocaram na Georgia e voltaram por Leninegrado em 15 de Dezembro, empregando 34 dias em percorrer milhares de quilómetros, durante os quais receberam grande quantidade de boas vindas a que responderam, falaram em muitos banquetes oficiais e escutaram muitos desses verbosos oradores de que não só Moscova tem o segredo, participaram em toda a classe de demonstrações sindicais, concorreram a uma velada na Opera, assistiram a muitos concertos, inspecionaram o Krenlim e outros numerosos edifícios notáveis, visitaram fábricas, minas, prisões, agrupações artísticas, poços petroléo e que sei eu, quantas mais.

Como resultado desses 34 dias mais do que bem empregados, publicaram um relato com 257 páginas, texto apertado, profusamente ilustrado, com índice, etc. Quasi uma enciclopedia.

Segundo eles, no país dos Sôviets, tudo vai de melhor para melhor.

Gente curiosa, concededores de que os delegados não falavam, não liam e não compreendiam o russo, investigaram por sua vez e comprovaram que das 257 (duzentas e cinquenta e sete) páginas, 143, as mais importantes, as que tratavam do regime governamental e social dos Sôviets, da questão operária, dos impostos, dos meios de transporte, da saúde pública, da agricultura, da indústria, etc., tinham sido redigidas pelos três intérpretes que o governo russo tinha posto atenciosamente à disposição dos seus ilustres visitantes!!!

Eis como se escreve a história.

De «L'endehors».

CANDIDE

### CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Corticeiros de Belém

Continua a greve na casa Sousa Eusébio, em face da disposição de luta contra a redução de salários

Reinaram os operários corticeiros de Belém para se ocuparem da baixa de salários.

Apreciei-se a tentativa de baixa de salários na casa Sousa Eusébio, sendo por toda a assembleia verberada a atitude deste industrial, resolvendo-se que o pessoal da aquela casa continue em greve até que o assunto se resolva, abrir quetes em todas as fábricas para auxiliar os grevistas, e nomear uma comissão para entrevistar o industrial referido.

Resolveu-se mais protestar contra o procedimento de alguns industriais, que recusam trabalho a elementos que se destacam no sindicato, calunhando-os para que outros lho não deem também.

Foi também verberada uma boa parte da classe que não accorre às reuniões dando azo a que os industriais mais tripudiam sobre a classe, para levarem de vencida a Pretendida redução nos salários.

O delegado da Federação, que assistia, censurou a falta de comparência às assembleias, pois a baixa que alguns industriais pretendem fazer, firma-se no abandono a que os operários votam o sindicato e não nas dificuldades em manter a laboração e outros «trues» apresentados.

Aprovou-se ainda um protesto contra os quadros do Povo do Bispo, que estão trabalhando com os salários reduzidos, sendo resolvido que o delegado ao conselho federal levante esse assunto na reunião desse organismo, no domingo próximo.

### Os oprimidos começam a despertar em todo o globo

Os jornais franceses do dia 15, antecipando-se ao relatório do general Sarraill, estão preparando a opinião pública para a sangrenta verdade ocorrida na Síria e que já não pode ser velada por mais tempo.

Os factos passados em Dejebel e Druse custaram aos franceses oitocentos mortos ou desaparecidos. E se nos lembrarmos da habitual «franqueza» dos comunicados franceses, poder-se-á calcular o que foi este novo desastre dos franceses na Síria, na qual, como sempre, os proletários foram os únicos sacrificados.

#### A greve de Saigou

Ao mesmo tempo que os rifenhos reconquistam pouco a pouco a sua liberdade, ao mesmo tempo que nós vemos a «civilização ocidental», de capacete e bota ferrada, precedida pelos tanques, pelos aeroplanos e pelas metralhadoras, tentar uma ofensiva desesperada para detar a mão, nos seus sobressaltos de agonia, a uma parcela de terreno onde sintilam algumas pepitas de ouro, no mesmo momento em que, na Síria, essa odiosa civilização ocidental, recebe, num outro campo de massacre, uma bofetada sangrenta, cujo nome é Suedia, um telegrama lacónico publicado nos jornais europeus anuncia que «800 operários indígenas de Saigou se declararam em greve no dia imediato ao da chegada dum cruzador francês que necessitava de reparações urgentes antes de largar para a China».

E os jornais que publicam esta notícia, exclamam muito ingenuamente: «E' a primeira vez que os operários do arsenal de Saigou se põem em greve». O facto é significativo!

#### Nova aurora!

Marracos! Síria! Índia! Tripolit! Indo-China! Nomes simbólicos onde se reflectem as primeiras luzes duma aurora novel Desmoraenamentos significativos deste edifício construído e cimentado com sangue, lágrimas e cadáveres, edificio que se chama a «civilização europeia»!

Os povos indígenas acordam da sua dolorosa letargia, começam tendo consciência da sua força e revoltam-se contra os opressores. Na ocasião em que estes imaginavam poder terminar a sua obra nefasta com uma impunidade insolente, começa a derriuir as primeiras ameias do castelo maldito e horrível!

Franceses, Marroquinos, Sírios ou Chinos, começam enfim a compreender o seu dever. As diversas aglomerações dos proletários espasmos dum polo ao outro, soltam o esperado brado da revolta e encorajam-se mutuamente para a luta que, no fim de contas, é uma só!

«O princípio dos direitos dos povos de poderem dispor de si livremente» sai do domínio da teoria para passar para o domínio dos factos realizados.

O dever do proletariado português é de ajudar todos os oprimidos que neste momento estão combatendo pela sua liberdade e de apoiar material e moralmente aqueles que se recusam a sacrificar o seu sangue pela sociedade capitalista.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE

#### DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

### VIDA SINDICAL

C. G. T.

Secção de Federações

Reúne hoje o secretariado pelas 21 horas.

C. S. T. L.

Comissão instaladora

Reúne hoje, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação vinícola. — Tomou posse a comissão administrativa deste organismo, que resolveu saudar a organização operária revolucionária de todo o mundo, os presos por questões sociais e todos os que foram iniquamente deportados.

Operários municipais. — Reuniu a comissão de melhoramentos, tendo apreciado a forma como a vereação vem procedendo perante as reclamações dos operários municipais.

Resolveu protestar contra o facto de ainda se encontrarem despedidos 6 operários da limpeza por se terem solidarizado com o pessoal no dia em que este paralisou o trabalho e deliberou abrir em todos os locais de trabalho «quetes» em seu auxílio.

União Têxtil. — Reuniu em assembleia geral tendo resolvido aderir ao Congresso Confederal e nomeado delegado Henrique Marques. Deliberou igualmente colaborar na formação da Federação Têxtil.

Aprovou a importância de 10 escudos para auxílio a José Pires de Matos e aprovou um protesto contra as prisões arbitrárias e contra as deportações sem julgamento.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação do Livro e do Jornal. — A comissão organizadora do Congresso às 19 horas.

Federação Mobiliária. — A comissão administrativa, às 17,30 para um assunto urgente.

Sindicato do Pessoal de Câmaras. — Esta classe em assembleia geral, pelas 19 horas, para apreciação de uma circular da C. G. T. acerca das resoluções tomadas pela Federação Marítima e resolver qual a atitude a tomar em face de tais deliberações.

Manufactores de Calçado. — Pelas 21 horas, em assembleia geral, para se pronunciar sobre a adesão ao Congresso Confederal.

S. U. C. Civil. — Secção de Belém. — A assembleia geral, pelas 21 horas.

Secção dos Canteiros e Polidores de mar-mores. — Pelas 21 horas todos os militantes da classe.

S. U. Metalúrgico. — A comissão de propaganda nomeada na última assembleia geral.

Marinheiros e Moços. — A assembleia geral, pelas 20 horas, para apreciar um requerimento dum grupo de sócios.

Operários Municipais. — Pelas 20 horas, todos os militantes e simpatizantes da classe a fim de tratarem de assuntos de grande importância para a vida do sindicato.

Ferrovários do Sul e Sueste. — Delegação de Lisboa. — Pelas 21 horas a assembleia geral para apresentação das reclamações a apresentar ao governo, sobre a precária situação dos ferrovários do Estado.

A reunião efectua-se na Rua do Arco do Marquês de Alegrete 30, 2.ª (sindicato da C. P.).

Federação da C. Civil. — Pelas 20 horas, a comissão revisora de contas.

S. U. do Mobiliário. — Comité da sede. — Para assunto inadiável, às 20,30 horas.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação Metalúrgica. — Reúne no

### Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redacção, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., aos dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

— Escrever dum só lado do papel;

— Não fazer uso de tinta vermelha;

— Deixar, entre as linhas escritas, espaço suficiente para qualquer emenda;

— Expôr com clareza os assuntos que se propõem tratar, deixando para a redacção os comentários que julgarmos convenientes.

— Aos comunicados dos sindicatos que não venham carimbados, às notícias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redacção guardará o sigillo de nomes.

### UM PASSEIO A SINTRA

pré-escolas da Construção Civil

Realiza-se no próximo domingo um excelente passeio a Sintra promovido pela Comissão Escolar da Construção Civil. Este passeio vai, por certo, transformar-se numa excelente festa de confraternização operária, destinando-se o seu produto para auxílio das escolas que a Construção Civil é forçosamente vem mantendo.

Atendendo ao seu elevado fim e ainda ao apressivo sitio que é Sintra, é de esperar que grande número de operários venha à Administração de A Batalha adquirir bilhete que serão vendidos a preço módico.

Abrihanta este passeio a Filarmónica Verdi e o grupo musical «O Cravo».

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição — Preço 2\$00, pelo correio 2\$